



Por Terra, Território e Bem Viver: conectando campo-cidade e fortalecendo as lutas coletivas, no tecer da Teia dos Povos do Rio de Janeiro

FONSECA, Renata Amorim Almeida; BARTHOLL, Timo; DINIZ, Juliana de Medeiros; AZZI, Tatiana Amaral Bunahum; VIANA, Hanna Soares; PINHEIRO, Luisa Albuquerque Ferrer; WANDERLEY, Luana Carvalho de Souza; NASCIMENTO, Geandra Nobre do; ARRUZZO, Roberta Carvalho¹

¹ Teia dos Povos RJ, biol.renata@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Ancestralidade, Terra e Território

Apresentação e Contextualização da experiência

Este ensaio tem como objetivo apresentar um breve histórico da experiência de construção da Teia dos Povos no estado do Rio de Janeiro (RJ), considerando sua relevância, enquanto estratégia autônoma e popular de fortalecimento comunitário, para a reprodução da vida com dignidade, no campo e na cidade.

A Teia dos Povos constitui uma articulação estratégica entre comunidades indígenas, quilombolas, movimentos do campo e cidade, pequenos agricultores/as, pessoas e instituições, a partir da qual se busca construir caminhos unificadores de lutas e traçar agendas comuns de ações que auxiliam o desenvolvimento, o empoderamento e a emancipação das comunidades integradoras (TEIA DOS POVOS, 2022).

Tendo a Agroecologia como um chamado para esperançar, organizar, agir e libertar, ancorado na experiência de luta e nos saberes tradicionais dos povos do Brasil, a tessitura da Teia dos Povos no estado do Rio de Janeiro se inspira na obra “Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil” (FERREIRA; FELÍCIO, 2021), que busca traduzir da oralidade para a escrita a proposta da Teia dos Povos, originada na Bahia.

A experiência da articulação regional no RJ se inicia a partir da participação de sujeitos coletivos de territórios fluminenses no I Encontro Nacional da Teia dos Povos, realizado no Assentamento Terra Vista, no município de Arataca, Sul da Bahia, em maio de 2022. Inspirados na proposta e trazendo da Bahia seu estandarte, diálogos horizontais vêm sendo promovidos por sujeitos coletivos comprometidos com a transformação das realidades sociais, buscando potencializar, mutuamente, pautas comuns e específicas. Contribuindo para o fortalecimento de trajetórias e as confluências para construções contra hegemônicas convergentes, diante das múltiplas crises contemporâneas suscitadas pelo modelo de desenvolvimento localmente, as bases e o histórico desse processo são apresentados a seguir.



Desenvolvimento da experiência

a) Breve histórico da Teia dos Povos, Bahia

Enquanto uma via de força política contra hegemônica, a pauta central da articulação da Teia dos Povos, e que inspira a articulação da Teia RJ, se situa na construção de uma “aliança preta, indígena e popular” para fortalecer as lutas pelo Bem Viver dos povos. Entre as experiências comunitárias inspiradoras dessa aliança, encontram-se aquelas forjadas na trajetória dos coletivos do Assentamento Terra Vista, Arataca/BA, enquanto “núcleo de base” aglutinador, a partir do qual emerge o movimento de construção da Teia dos Povos.

Nessa aliança estratégica, integrada por comunidades indígenas, quilombolas, pesqueiras, ribeirinhas, extrativistas, periféricas, movimentos sociais o campo e da cidade, pequenos/as agricultores/as e outras organizações, os “núcleos de base” (territorializados) e os “elos” (desterritorializados) se articulam com o objetivo de construir reciprocidade e fomentar os caminhos para a emancipação coletiva e a autonomia territorial dos povos. Assim, se busca promover a convergência de suas lutas, traçando agendas de encontros e ações que possam auxiliar o desenvolvimento e o fortalecimento comunitário nos territórios. Dentre as ações desenvolvidas, se destacam os Mutirões e as Vivências, as Redes de Sementes e os Encontros de Mulheres, os Encontros Nacionais da Teia, as Pré-jornadas e as Jornadas de Agroecologia, além da publicação de livros (TEIA DOS POVOS, 2022).

Tendo nos estados da Bahia e do Maranhão suas origens, a articulação da Teia dos Povos vem se organizando, cada vez mais, em Teias regionais estaduais e, atualmente, estas se distribuem por vários estados de três regiões brasileiras: no Nordeste, com as Teias da Bahia, do Maranhão, do Ceará e de Pernambuco; no Sudeste, com as Teias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; e no Sul, com a Teia do Rio Grande do Sul, expandindo, paulatinamente, a rede para outros estados e regiões. Sob o chamado da luta “por terra e território”, conforme os princípios elencados na apresentação da articulação (TEIA DOS POVOS, 2022) (Quadro 1), uma série de ações concretas têm sido desenvolvidas para lidar com as diversas dimensões das crises sistêmicas contemporâneas - social, ecológica, econômica, cultural e política, sobretudo - inspirando soluções em diferentes contextos.



Quadro 1. Princípios da Teia dos Povos, conforme a apresentação da articulação.

PRINCÍPIOS DA TEIA DOS POVOS	
I.	Lutar em defesa da terra e do território, construir uma rede de fortalecimento entre os povos para garantir a soberania e autonomia dos povos, construir uma frente de defesa para conquistar e garantir a nossa terra e nossos territórios;
II.	O trabalho e o estudo para liberdade que possibilite a construção de um novo modo de vida, desconstruindo a herança dos modelos capitalista, racista e patriarcal;
III	Reafirmar o olhar ancestral na edificação de um novo tempo, contextualizado à nossa forma;
IV	Nos territórios já conquistados, aperfeiçoar a prática da agroecologia na ampliação das redes de sementes nativas/crioulas, no plantio de mudas nativas e frutíferas para recuperação de nossas florestas, rios e nascentes e na autonomia e soberania alimentar.

Fonte: Apresentação da Teia dos Povos (2022).

A proposta de articulação da Teia dos Povos foi lançada durante a I Jornada de Agroecologia da Bahia, realizada no Assentamento Terra Vista, em 2012. Contando com a presença dos povos Tupinambá, Pataxó e Pataxó Hã-hã-hãe, de comunidades quilombolas e pesqueiras, de representantes de assentamentos rurais e de outras comunidades camponesas, de movimentos e organizações do campo e da cidade e, inclusive, da agrônoma Ana Primavesi, esta aliança foi selada “com o objetivo de promover a ‘união dos povos e saberes’ em torno da luta por terra e território, alinhada com os princípios da Agroecologia, para construção do Bem Viver¹” (PIMENTEL; MENEZES, 2022, p. 4).

As Jornadas de Agroecologia da Bahia vêm sendo organizadas, desde então, tendo como objetivo “erguer um grande acampamento com espaços de debate, troca de saberes, intercâmbio de aprendizados para discutir, refletir, aprender e traçar caminhos, promovendo o saber agroecológico como ferramenta para o desenvolvimento comunitário, a preservação ambiental, o empoderamento dos povos e o fortalecimento da identidade territorial” (TEIA DOS POVOS, 2022). Nesse movimento, após a I Jornada, foram realizadas outras seis, nos anos de 2013, 2014, 2015, 2017, 2019 e 2023, em um total de sete até o momento, reunindo um público crescente que vem se somando na construção dessa grande aliança pelo Bem Viver.

Como um convite ao engajamento coletivo, àqueles que buscam realizar processos transformadores junto à (t)Terra, além da realização das Jornadas de Agroecologia da Bahia, diversos encontros e vivências vêm sendo promovidos pelas comunidades ligadas à Teia como oportunidades de reflexão coletiva, acolhendo, inclusive, estudantes e pesquisadores acadêmicos em atividades pedagógicas (PIMENTEL; MENEZES, 2022).

¹ O Bem Viver aqui referido é aquele ligado à tradução intercultural do princípio andino *sumak kawsay* e *suma qamaña*, que chega à Teia dos Povos a partir dos indígenas da região da Bahia e de entidades como o Conselho Indígena Missionário (CIMI), segundo Pimentel e Menezes (2022).



O próprio livro *Por Terra e Território* (FERREIRA; FELÍCIO, 2021), mencionado anteriormente, como uma proposta de programa da Teia, vem reivindicar a democratização do acesso à terra para ser (re)territorializada pelos povos pela via da autonomia, com base em outras formas de cosmopercepção, muitas delas inspiradas em saberes ancestrais. Nessa proposta, a terra não é concebida enquanto propriedade, a ser comprada ou cedida pelo Estado, o que pode transcender determinadas propostas de política de reforma agrária. Enquanto “morada da vida”, a terra territorializada ganha contornos vivos, com sentidos de pertencimento e conexão espiritual. Em contraposição à lógica de cercamento, os povos e as comunidades reivindicam o livre acesso a cursos d’água, matas e seres, como o tinham seus ancestrais, mediante uma lógica ligada ao bem comum. Essa ressignificação de sentidos tende a conduzir a modos contra hegemônicos de existência, de relação com a terra, com os demais seres humanos e não-humanos e do ser consigo mesmo, com profundas e estruturais implicações simbólicas e materiais.

Nessa tarefa histórica descolonizadora, Ferreira e Felício (2021) identificam o latifúndio como o principal inimigo a ser combatido. Na origem da formação de latifúndios está a lógica extrativista, que vem se reeditando com o avanço do capitalismo neoliberal, mediante a intensificação do processo de expropriação dos territórios, dos saques à terra e à natureza, seja pelo agronegócio, pela mineração e por grandes obras de infraestrutura, em projetos de desenvolvimento promovidos pelo Estado, independentemente da inclinação política, progressista ou conservadora, de esquerda ou de direita (DILGER *et al.*, 2016).

Na interseccionalidade das crises sistêmicas, as relações de poder se materializam com uma orientação de gênero, cor, classe, alimentadas por injustiças históricas que tentam negar a diversidade. Assim, frente às tendências opressivas dominantes, engendradas na coalizão capital-estado-racismo-patriarcado, a Teia aposta na união e no respeito à diversidade de visões de mundo e de pautas para fortalecer modos de vida outros, traçando as pistas para a construção de soberanias em um mundo “onde caibam outros mundos”, conforme os princípios zapatistas, propagados na literatura do pluriverso² (KOTHARI *et al.*, 2019).

b) Breve histórico da Teia dos Povos regional, Rio de Janeiro

Partindo dessa perspectiva e trajetória, o histórico da tessitura da Teia dos Povos RJ concretiza-se após a participação no I Encontro Nacional da Teia dos Povos, realizado no Assentamento Terra Vista. Na ocasião, a pequena delegação do Rio de Janeiro, constituída por representantes dos coletivos Formigação (Morro da Formiga/Tijuca) e Roça! (Maré) e a Associação dos Trabalhadores de Base (ATB/RJ) assumiu o compromisso expresso na Carta redigida ao final do evento: “retornaremos aos nossos territórios como sementes e brotando espiritualidade

² Pluralismo de conceitos, cosmovisões e práticas sintonizados com os princípios de justiça social e ecológica, engajados na construção de “um mundo onde caibam outros mundos”, segundo princípios zapatistas, em contraste com o universalismo propagado pela modernidade ocidental.



regada pelas práticas tradicionais e agroecológicas para nos enraizarmos em nosso lugar de bem viver. Convocamos todos os povos de Pindorama para estarmos juntos e traçar os fios desta grande teia. Sempre lembrando que o que nos une é maior do que aquilo que nos separa!”

Tendo o Coletivo Roça! como anfitrião, o primeiro encontro foi realizado logo após o encontro das Teias na Bahia, ainda em maio de 2022, na cidade de Maricá/RJ. Nessa ocasião, reuniram-se 18 coletivos de favelas e periferias, em diálogo sobre os trabalhos de base realizados por cada coletivo e o contexto crítico de pós-pandemia. Foi realizada, ainda, uma conversa virtual com o jornalista, pesquisador e educador popular uruguaio Raúl Zibechi, uma oficina de mapeamento coletivo de iniciativas e coletivos e um relato do I Encontro da Teia dos Povos na Bahia, com a entrega da “Carta das Teias dos Povos do Brasil” ao grupo. Em comum acordo, o grupo se propôs a continuar em articulação e organizar encontros futuros nos diversos territórios em que atuam para tecer junto a Teia dos Povos RJ.

Após esse primeiro encontro, e selada a aliança da Teia dos Povos RJ, nesse movimento, outros sujeitos coletivos, territorializados e desterritorializados, se aproximaram, incluindo atores sociais como pesquisadores acadêmicos e outros militantes que haviam tido contato com a Teia por outras vias. Atualmente, cerca de 27 coletivos, oriundos de diversos municípios e localidades fluminenses estão envolvidos na tessitura da Teia RJ, com representantes do Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo, Maricá, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Magé e Teresópolis.

Outros encontros da Teia RJ se seguiram ao primeiro, em uma série de reuniões, debates, mutirões e eventos realizados em diversos territórios, urbanos, rurais e periféricos, de municípios do estado: Feirinha Agroecológica de Teresópolis (julho/2022), Museu da Maré (março/2023), Sítio Santa Bárbara, em Magé, (abril/2023), Centro de Cultura Social e Sede do Macacos Vive, em Vila Isabel, (maio/2023) e Assentamento Fazenda Engenho Novo, em São Gonçalo, (junho/2023), com destaque para o Festival das Resistências realizado na Maré, no período de 23 a 25 de junho/2023.

Cabe ressaltar que o recente Festival das Resistências aconteceu como forma de encaminhar o que ficou acordado ao final da 7ª Jornada de Agroecologia da Bahia, realizada em Conceição de Salinas/BA, em fevereiro/2023. Nessa última Jornada, foi indicado que as Teias regionais fomentassem encontros Pré-jornadas para mobilizar as bases e fortalecer as articulações territoriais. Nesse sentido, o Festival se traduziu como um formato adequado de Pré-jornada regional para mobilizar e fortalecer territórios em resistência, diante dos desafios enfrentados cotidianamente no contexto das cidades. Cabe ressaltar, ainda, que a Teia RJ está envolvida com a construção do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA). Outras atividades estão previstas e agendadas para serem realizadas até o final do ano de 2023, durante e após o XII CBA, inclusive, e outras ainda estão sendo pensadas e discutidas.

Nessa trajetória em construção, cabe destacar, ainda, a realização de uma intensa



semana de atividades e debates que contou com a presença de Joelson Ferreira, conhecido como mestre Joelson, idealizador da Teia dos Povos, no período de 05 a 09 de dezembro/2022. Muitos dos territórios e coletivos envolvidos foram visitados, de modo que mestre Joelson pudesse conhecer a diversidade de lutas fluminenses e levar a palavra da Teia para fortalecê-las. Cabem ser destacados, como exemplos, a visita à Aldeia Mata Verde Bonita e à ocupação Ecovila Maricá (Fazenda Rio Fundo), ambos localizados em Maricá, o encontro e a palestra realizados no Instituto de Geociências da UFF em Niterói, bem como a visita ao Instituto Enraizados, em Nova Iguaçu e junto com o movimento Baía Viva à Associação de Carangueiros e Amigos do Mangue de Magé (ACAMM).

Disseminação da experiência

Forjadas em uma rede de solidariedade popular, essas oportunidades de encontros e articulação buscam fortalecer a capacidade coletiva de re-imaginar e recriar modos de existência plurais e inclusivos, para que se possa responder às inúmeras demandas que estão no centro dos desafios contemporâneos do Sul global, traduzidos na necessidade de geração de emprego e renda, de alimentação, saúde e inclusão produtiva de jovens e mulheres, e, ainda, de conservação da biodiversidade por meio da preservação das florestas, dos rios e dos mares.

Como oportunidades de aprendizagem coletiva, essa articulação vem buscando, sobretudo, construir r-existência comunitária frente aos “choques” geopolíticos e à própria emergência climática, refletidos recentemente na experiência de crise sanitária causada pela pandemia de COVID-19 e em seus diversos desdobramentos. Nesse contexto, em momentos cruciais, tais “situações-limites” são percebidas não mais como uma “fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o ser mais” (Freire, 1987, p. 94) e a percepção do “inédito-viável” passa a ser tangível aos sujeitos políticos que se fazem cada vez mais críticos em sua ação, como “atos-limites” dirigidos a sua concretização.

Assim, como prática de liberdade, na articulação da Teia dos Povos RJ parece haver um explícito movimento coletivo no sentido de reinvenção das realidades, salvaguardando potencialidades para uma transição no plano epistemológico, e mesmo ontológico, no âmbito da visão de mundo, condição considerada fundamental aos imperativos de transformação das realidades sociais. Transcendendo o âmbito da Agroecologia, é possível perceber a incidência desta articulação na interseccionalidade das múltiplas crises, de cunho civilizatório, abrangendo o potencial da autogestão dos territórios para inspirar caminhos coletivos de transição justa e ecológica, rumo a um horizonte emancipatório do Bem Viver.



Referências Bibliográficas

DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge. (Orgs.) **Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo. 2016. 472 p.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil**. Teia dos Povos, Arataca. 2021. 439p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico; ACOSTA, Alberto (Eds). **Pluriverse: A Post-Development Dictionary**. Tulika Books. 2019. 340 p.

PIMENTEL, Spensy K.; MENEZES, Paulo D. R. A Teia dos Povos e a universidade: agroecologia, saberes tradicionais insurgentes e descolonização epistêmica. São Paulo: **Ambiente & Sociedade**. Vol. 25, 2022.

TEIA DOS POVOS. **Apresentação da Articulação**, 2022.